

AGUSTINA BESSA LUÍS UM «CASO» NA LITERATURA PORTUGUESA (1)

por JOÃO MAIA

«Diz-se, apesar de tudo, que dotou a Brusca de grandes melhoramentos, e que talvez a transplante um dia, pedra por pedra, para sítio mais grandioso, a Suíça ou Braga, por exemplo. Mas diz-se muita coisa e há sempre quem exagere.»
(A BRUSCA, p. 46).

«Não digo que sim, não digo que não: talvez as coisas mudaram.» (Idem, p. 12).

Tudo tem o seu tempo e o seu sítio, diria o grande sábio M. de La Palisse, e eu creio que a escolha da escritora Agustina Bessa Luís para objecto de consideração e de estudo por parte dos moços estudiosos de Braga, neste ano e calendas, e nesta sala bem forrada de bezerro e carneira estofada de sabedoria e de latins — tem o seu quê de acerto e também de ousadia. Com efeito trata-se de uma escritora desmandada de carreiros e de programas e em cuja obra arfa, não digo

(1) Quiseram os alunos da Faculdade de Filosofia de Braga comemorar os 30 anos de vida literária de Agustina Bessa Luís. Fizeram-no em duas jornadas, a primeira das quais foi constituída pela leitura e discussão deste modesto ensaio, sendo a segunda animada pela presença da escritora que dialogou durante duas horas, com os alunos, sobre a Arte em geral e a sua arte em particular. Publicamos o nosso trabalho, deixando-lhe os incisos de oralidade intencional e as referências filosóficas porque estávamos numa Casa em que se ouvem, pelos corredores, os passos de Platão e de Aristóteles ...

um esforço, mas, sim, uma rajada de filosofia espontânea, em estado de criatividade que borbota em catarata nas quebradas de um estilo deflagrado que é tudo quanto há de mais estreme e raro na Literatura portuguesa. E ninguém se admire de que uma romancista bata a tecla filosófica! Não só os existencialistas nos habituaram à estranha fusão dos gêneros literários. A *Introdução à filosofia* de Jaspers, manípulo de conferências feitas na Rádio alemã começa por nos alertar para a filosofia que as crianças, no seu descobrimento do mundo e da vida, vão projectando; e o filósofo alemão diz-nos que está por fazer o levantamento das instâncias filosóficas a que a infância tem acesso. Lembro ainda, se numa casa como esta não é ousadia, que Ortega y Gasset inspirado filósofo e estilista dos máximos, dizia que boa introdução à filosofia seria a que não guindasse o assunto a dificuldade aterradora, mas o versasse de maneira que o não turvasse com assorpadas importâncias. A filosofia era para ele uma coisa simples impreterível, inadiável, encontradiça tão fácil como ler um livro, olhar para o sol, ouvir uma canção. E os humanistas desta casa estão lembrados das palavras do velho Sócrates no dia postremo da sua longa vida de filósofo. Como alguém lhe estranhasse que ele tivesse composto uns versos, explicou ele o caso deste modo: — «No curso da minha vida, com frequência fora visitado por um sonho que tomava ora uma forma ora outra e me aconselhava constantemente a mesma coisa: — Ó Sócrates, dizia ele, procura cultivar a música, e dedica-te a isso. Ora eu julgava que aquilo que na vida passada tinha feito, a isso me exortava e incitava o sonho. Semelhante aos que animam os corredores, assim ele, julgava eu, me animava também a prosseguir o que tinha principiado — a dedicar-me à música, pois não existe música, pensava eu, mais excelente que a filosofia à qual eu me dedico». Como vemos, Sócrates pensou durante toda a vida que a filosofia era música e só lhe veio um leve escrúpulo antes de morrer! E Platão chamava à sua faina filosófica — *παγκάλη παιδία* — um divertimento de estalo!

Acontece ainda que na literatura ou se quiserem na cultura portuguesa autores com fortes relentos filosóficos foram por igual destros manejadores do verbo e uma vez lhes chamaram filósofos, outras poetas, pensadores, homens de intuição e de arrebatamento que viram suas obras comentadas por mais lentos e opiniosos escolares afeiçoados por Estagira, pelos jardins de Academos e pelo Pórtico, por homens digo de sistema e de compêndio, terríveis homens que crivam e censuram, mas também assimilam e integram. Diz-se mesmo que uma das grandes excelências

do tomismo é a sua capacidade de assimilação a que são propícias a nitidez e altura dos seus princípios e a obediência ao real dos seus métodos. Ora bem, na literatura portuguesa Antero de Quental, Oliveira Martins, Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra, foram homens fortemente inspirados com a cabeleira revolta por assombros filosóficos. Veja-se o que é a inspiração em demanda com a terrível lógica: Teixeira de Pascoais sem aleloar teorias, todo entregue ao instinto poético chegava a dizer que ele levantava as lebres e Leonardo Coimbra matava-as e dependurava-as no cinto da filosofia, fazia cinto na sua herdade. Era ao tempo em que Unamuno, recenseando em Castela o *S. Paulo* de Teixeira de Pascoais, aludia à clara influência que o seu sentimento trágico da vida teria exercido no escritor português. A literatura também nasce da literatura, a filosofia da filosofia; há um diálogo de livro para livro, de autor para autor ...

A única vez que me aconteceu falar com o poeta José Régio foi no Entroncamento, numa espaçada pausa de comboios durante a qual vestidos de negro ambos comemos meio frango, no restaurante vazio, de moscas estivais sensivelmente zumbidoras. Ainda hoje não sei como viemos à fala; mas o certo é que fui eu quem, numa suspeita que seria ele, me levantei da minha escuridão numa vénia ao grande escritor que por sinal era pequeno de estatura, concentrado no falar e amável no departir. A alturas tantas, depois de me pôr reservas a um artigo que eu tinha escrito sobre Mário Beirão, perguntou-me, com olhos a luzir debaixo de negras sobranceiras: — «Já leu os livros de Bessa Luís? — Fique sabendo que é mais um «caso» na literatura portuguesa!» É sabido que José Régio, no seu sistema crítico de ficção e mormente de poesia, ajuizava pelo deflagrado da criação. Ser escritor original era fado, era algo de fatal a que se não podia fugir e dificilmente se podia aumentar, melhorar, alçarpremar. Assim, para ele, António Nobre era um caso, Cesário Verde era um caso, Mário de Sá-Carneiro era um caso, Camões, Antero, etc. E no fim da vida, as reservas que fazia a Fernando Pessoa provinham talvez de que a cultura do Poeta da *Ode Marítima* sombreava de certa maneira o fado da inspiração nativa; outros dirão que a desintegração da personalidade manifestada nos heterónimos diluía aos olhos de Régio o impacto que o génio poético deve vibrar no leitor. E disse-me ainda o que lhe acontecera certo dia com um dos seus camaradas da *Presença*, poeta de mérito a nosso ver, mas que não enquadrava nesta categoria de fado; de «caso» que era, como digo, uma das cate-

gorias de Régio. Pois bem tendo-se encontrado, numa rampa coimbrã, com esse camarada numa tarde em que ele alardeava grandes coragens e decisões inconolastas, perguntara-lhe: — «Quer você que eu lhe diga uma verdade? — Olhe, você de poeta só tem uma coisa: a vontade de o ser; e isso não chega!»

Pois José Régio considerou desde a primeira hora a escritora Bessa Luís «um caso», algo de genial, de irredutível susceptível de trazer à literatura portuguesa algo de novo. Teria ele acertado? Não há hoje ninguém que o não saiba.

Vejamos estas coisas mais de perto e mais de vagar.

Tem-se dito e repetido que desde 1920 até certa aurora recente e abrilina o obscurantismo grassou em Portugal e a literatura esmorecida rastejou nos combros, muros velhos e talhões que não alegretes, furtados à treva da censura, senhora esta com quem não quero simpatizar e muito menos defender. Gosto muito de ler o *Fray Gerúndio* de Campazas do célebre Padre Isla. E uma das obras desse autor castelhano são as cartas para uma irmã em que lhe dá conta de como se esquivou à censura jesuítica a que estava obrigado por Regra e desobrigado por génio. O *Fray Gerúndio* é uma obra-prima e os censores, tacanhos, medíocres, olhando o tinteiro como um poço de veneno e de heresias, rabujavam ameaças e o que queriam era sumir a sátira que, quiçá, por tabela os atingia. Pensem outros de outra maneira, penso que as censuras foram um entorse na história e mais que uma selecta inofensiva, dezenas de novelas distractivas, canhenhos doutriniais com um grão de ousio ficaram estrangulados no míope exame dos senhores de estéril lápis e nariz inquisitivo. Mas daí a julgar que a censura impede, de raiz, a produção do espírito, vai um abismo. A literatura portuguesa, dizem-no escolarcas de bons e todos e sentimo-lo todos, tem cimos de referência esplendorosa, épocas amarelecidas e de fraco pastio e calendas de boa, alta produtividade, variada em seu acervo de obras postas no escaparate e que se não podem arrumar, de escantilhão, numa fúria revolucionista para o vasa-barris obscurantista. Camões e o século dezas-seis, o século dezanove e a sua geração de setenta são arcos de cordilheira afeiçoada pelo génio. Mas o que vai de século vinte, em produtividade literária escrita, quer em prosa quer em verso não envergonha país nenhum nem revessa trevas. A treva se existe recluiu-se a umas já hoje ridículas gavetas que lograram certa popularidade na imprensa dos simples porque as encheram de esperança de nelas hibernarem obras-

-primas escritas à luz de candeia carcerária, ouvido à escuta da bruxa censurosa. Nem existiam as gavetas nem as obras-primas. O que saiu, no desaforo das liberdades, foi de nível tão cediço e tão mesquinho que os povos sem esforço imaginativo concluíram que foram obras forjicadas à pressa e trazidas a lume a ver se pegavam. E agora, passados tantos séculos, já ninguém acredita nas gavetas. Assim se perdem as crenças!

O que houve, enumerando à louca e à laburda, foi, ao longo do século, uma série de movimentos com homens de proa e as sucessivas ressacas de polémica e ondulação que são características dos movimentos literários. O saudosismo e Pascoais, a *Presença* e Régio e Torga e Carlos Queirós, José Rodrigues Miguéis; já antes Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro: ou seja primeiro e segundo modernismo; depois uma série de escritores que enumerá-los seria obra e tédio para os ouvintes: ao que vamos é a situar o aparecimento de Bessa Luís no panorama literário português de meados do século. Como é sabido, no campo da ficção, houve uma polémica de teorias e de práticas entre os homens da *Presença* e o chamado neo-realismo. Os homens da *Presença* encabeçados por Régio puseram de manifesto a importância do romance psicológico que ao tempo ia de mar a monte na França — e era a França que eles mais escutavam. Proust, Gide, Mauriac, Cocteau ... O romance russo também cá chegava através de traduções francesas. Na poesia e no romance imperava a sondagem do íntimo. Vieram depois os neo-realistas, que deram a primazia ao conteúdo situacional e exterior do homem. Alves Redol começou com modesto estilo mas boa observação a estudar a vida de avieiros e trabalhadores do Douro; diversas regiões do país — a Gandra de Carlos de Oliveira; o Alentejo, de Manuel da Fonseca; certos recessos provincianos de Fernando Namora e de Ferreira de Castro; a Serra da Estrela e as cumeadas de Vila Real, a Vindima de Miguel Torga — acenaram para o descritivo e o alertamento de situações do povo mísero e obliquamente para a sátira social e política atijada, claro está, pelas ideologias lavrantes de bigorna marxista. Houve então um alarme de curta vista e alcance, de clandestinidades arriscadas com percalços de cadeia e de calamento de vozes protestatárias? Decerto. Esses escritores porém puderam publicar e editorar a froixo as suas obras, alguns sofreram penas, mas lá foram arrostando com os constrangimentos sem os quais, dizia Gide, não se faz coisa que preste em arte. Entretanto a *Obra* de Nemésio, no romance, na crónica, no ensaio de história, na poesia, ia por diante. A *Obra* de José Rodrigues Miguéis crescia em volume

e mérito; Régio, Miguel Torga, Ferreira de Castro, Francisco Costa, Joaquim Paço d'Arcos, Carlos de Oliveira, Cabral do Nascimento, Irene Lisboa, Tomaz de Figueiredo e tantos outros escritores, sem esquecer Aquilino Ribeiro, fiel à sua prosa de urdume camiliano — todos estes homens se realizaram não num mar de rosas e sem virem à janela ralhar com os aguazis do poder, mas de facto compõem, a gosto ou contra-gosto, um painel mural que não podemos taxar de obscurantismo. E não falamos dos escritores de ideias e dos ensaístas e dos historiadores e dos sociólogos os quais, cada qual no seu alqueive, labutaram de manhã à noite enchendo e esvaziando tinteiro após tinteiro, António Sérgio, o maior de todos, Vieira de Almeida e já antes Leonardo Coimbra.

Por volta de 1950, após o surrealismo que deu escassos pomos na nossa horta e os que deu foi à lei daquilo que numa porta se põe o ramo e noutra se vende o vinho ou seja que os surrealistas de nascença sobrepujaram, como é justo os de cultivo e acinte, depois do surrealismo começou a vaga do existencialismo. Camus, Sartre (mais este que aquele), Simone de Beauvoir, algo (pouco) Merleau-Ponty, pegaram de influenciar os escribas lusos; por outra banda o neo-realismo sofreu uma dobradura em ordem a aprimorar a obra literária e falou-se aí de uma segunda fase do neo-realismo. Vingílio Ferreira (o mais tocado pelas rajadas e névoas existencialistas, mas que fora antes camarada dos neo-realistas na primeira hora) derivou com Namora para atenção predominante ao íntimo; vieram modestos escritores, mas activos e com público obsequioso — José Cardoso Pires, Judite de Carvalho, outros menores. E como quem não chora não mama — quanto mais se queixavam das censuras e das condições tristes do escritor português mais acesso tinham junto do leitor misericordioso pronto à lágrima e a enxotar tiranos do limiar da casa do novelista que lá dentro conserta o mundo e escreve a sua novelinha.

E foi então que Bessa Luís publicou o seu grande livro — *A Sibila* — logo saudado por críticos de todas as obediências como uma aurora na ficção portuguesa. Não admira. Era, dentro do sistema, digamos assim, de Bessa Luís, o que poderíamos chamar um romance de concentração com a esquadria do romance podado de abundâncias com princípio, meio e fim... Porque havemos de dizer adiante que os romances de Bessa Luís, romances, biografias e livros de viagem não têm fim, são escancarados como os desejos humanos, abertos ao indefinido do anelo e da pena, vendo deles a desolada ladeira do Passado e a pouco rósea mas sim nublada vertente do Futuro. No meio, com fumo e tripode,

esta tremenda Sibila, a Quina do romance, e a escritora genial que nos cansa, nos assoberba, nos irrita, nos reconcilia e nos convence que a grande literatura se afasta avondo da leitura do *Rapaz dos três calções* e que as grandes obras são como o reino dos céus — padecem violência e só se rendem aos que acreditam que o homem se exprime nelas, nelas deixa o coração e a pele como as grandes cobras nos tojais ressecos. Mas isto é talvez uma frase e é difícil a todo o escriba, após leitura de umas semanas das obras da autora, não se contaminar com o tom oracular de Delfos ou da Bessa Luís ...

Havia tanto agora que dizer da literatura de Bessa Luís. Solta de todo e qualquer programa, ao contrário dos neo-realistas, de 1954 até hoje nenhum escritor português manifestou maior pujança criativa. É na verdade um escritor deflagrado se este adjectivo é bastante para constituir categoria estética. E talvez o seja se considerarmos Camilo, rei da prosa portuguesa, Oliveira Martins em seu poder dramaturgico, a espaços Raul Brandão em suas voltas oníricas desenganadas e enternecidas. E é nessa dinastia que se enquadra a escritora. Por isso a sua Obra é tão difícil de circunscrever e de abarcar. Num mar de prosa navegam grandes casarões de Entre-Douro e Minho, cidades inteiras, como o Porto de *A Muralha*, famílias desfolhadas ao longo de destinos tão miudamente analisados que nos escapam por excesso de dados; e para além disso rajadas de cultura, alusões de arte, de países exóticos e não exóticos, alusões a todo o mobiliário e adorno de civilização que evolui e vai trocando os broches no manto ou vestimenta. Temerosa analista que entra nas casas com história empoçada, abre um pouco as janelas, sacode as poeiras do tempo e — desde o rebate da porta, ao forno, aos saguões, às cozinhas, às altas salas com todos os seus oiros e tapetes e varandas e adminículos de adorno — tudo vai arrojando a uma prosa opulenta e cheia de adjectivos desencontrados. Podemos dizer que a sua escrita é infinitesimal e infinita. Seria uma tese a demonstrar e a defender. Infinitesimal pela minúcia, pelo arrecadar dos segredos existenciais, pela fúria definitória a que a leva a sua penetrante intuição e por esse tocar em todas as raízes da vida que é talvez apanágio do génio junto à feminilidade, pois os símbolos que ela usa ou desvenda, sem nunca descer da trípole de sibila, parecem às vezes um trabalho de agulha, mas de agulha solerte e que se aventa terminada a autópsia. Infinitesimal, distrai-se ou concentra-se no mundo de que rodeia os seus personagens e eles ficam afogados em oiro, como o Rei Midas, mas afogados. E ela mesma às vezes se cansa deles, como acontece com um de que

já me não lembra o nome que ela deixa no meio de uma página, com estas palavras mais ou menos: — «Ficas aqui com o chapéu na cabeça e não tornas mais a aparecer». Assim como Eça de Queirós, a observação é de Nemésio, descansava na natureza inerte, de que dava prodigiosas descrições, a sua fadiga dos homens, Bessa Luís mergulha no encanto existencial e absolutamente ninguém como ela o faz na nossa literatura, à parte as reduzidas em espaço mas fundas intuições de Raul Brandão seu antecessor nestas sondagens. Seria aqui lugar próprio para acarear a velha teoria dos gregos de *mímesis* e de *poesis* para avaliar o quanto de experiência vivida e de criatividade inventiva vem à sua obra tão exuberante e vasta. Nela se citam ou, melhor, se aludem, que citar não cita ela, os trágicos gregos, Shakespeare, poetas e escritores antigos e modernos, obras de história, heróis reais e da mitologia, sagas primitivas e ideólogos modernos, a «Escola de Viena», e as escolas de pintura, estilos, costumes; o remoto do tempo e do espaço, casos abolidos, breves indicações da história clássica a que ela dá sequência depois de dois milénios, como nessa *Embaixada a Calígula*, seu livro de viagens tão sugestivo e novo de juízos ...

Digamos agora uma palavra, arriscada já se vê, sobre o que o meu Mestre P. João Mendes chamava a estrutura imaginativa ou do imaginário em Bessa Luís. Os leitores que forem como eu hão-de sentir uma certa implacabilidade e amargor ao lerem Bessa Luís. É porque, como diz o francês, a verdade é amarga ou, melhor, triste, e ela nos dá essa vitualha? Talvez não. A verdade humana de que têm segredo os romancistas é uma mescla de positividade e defeitos. O artista idealiza, criva por via ordinária. Mas há uma maneira de idealizar, a dos escritores de timbre existencialista, que junta dentro da mesma frase, da mesma página, contraditórios aspectos da psique e da realidade. Ao ler, o espírito orienta-se para um lado, e o escritor sacode-o e serve-lhe o inesperado, pica-o por assim dizer. E assim Bessa Luís, para só dar alguns exemplos, junta o que não costuma andar vizinho ou, antes, anda mas não o dizem os escritores da praça comum: «Era bonito, mas de má índole ...» «Era uma Torre do Tombo conversável». «Um fidalgo estúpido como uma corneta, mas que tinha distintas maneiras». «Era como uma galinha da Índia empertigada e até bonita, mas que tinha distintas maneiras, mas descarnada até à alma». «Era um pregador famoso em retórica e carneiro de gelado». «Era um génio fadista mas agradável». A custosa leitura dos seus livros túrgidos de problemática vem ainda da ambiguidade em que eles flutuam. A ciência das paixões humanas

desta escritora chega quase ao desvairo. Desde a inocência à perversão passando por todos os estados e desestados da vida, nunca se viu uma devassa mais minuciosa, com descansos à Proust e complacências de longe a longe; mas em geral o implacável é o espírito que paira sobre as águas. Haja vista ao romance *Fúrias* e até a parte da crónica do cruzado Osb. A lucidez de Bessa Luís não se deixou encadear pelos slongans de fresca data a que se acolhem as turbas ignaras, metendo na turba os propagandistas tidos por letrados. Disse acima que era a sua escrita infinitesimal e infinita; a grandeza dos seus livros expira em finais que são sempre impressionantes; são livros abertos que terminam num suspiro que nunca é de fadiga e é quase sempre de saudade, de amor à vida, qualquer coisa como o chamamento de uma transcendência que não nega nunca ao longo das obras embora a não acentue nem afirme. «Não digo que sim nem digo que não: talvez as coisas mudaram». E ainda: «A fina prosa desconversa as coisas de um coração perdido». E quando fala «dos felizes sem dia seguinte»?

Num tufão, mesmo que ele passe sobre Estagira ou sobre Braga, não se pode meter lá dentro a lógica da Aristóteles. O melhor é cortar um ramo na floresta açoitada, isolá-lo, mostrá-lo e dizer depois as excelências dele. É o que eu vou fazer lendo-vos um trecho do livro que em meu fraco juízo é um dos mais altos cimos da ficção portuguesa, *Os Incuráveis*. Esse trecho mostra a paixão do conhecimento, o fervor existencial, o sentido, enfim, da grande obra de Bessa Luís que ficará como a grande escritora destes tempos, sua testemunha insubornável, independente e viva

É o final de um livro enorme, capaz de esmagar um ou dois sarra-cenos, mas digno de emparceirar com as descrições existenciais em que se muralha *L'Être e le Néant* de Sartre.

Bessa Luís, muito acima dos arregimentados, dos de ouvido à escuta dos programas forjados em Paris ou além-Volga, integra-se na tradição da prosa portuguesa pela ductilidade plástica, o ritmo andante e desprevenido, o poder de símbolo, o instinto da vida e da morte e dos contrastes da díade cidade-campo, província città-dolente, rusticidade e civilização a esvair-se. O título dos seus grandes livros são já de si significativos: *Os Incuráveis*, *A Muralha*, *O Manto*, *O Susto*, *Canção diante duma porta fechada* e, antes de todos, *A Sibila*. Se o *nouveau roman* em Portugal deu frutos pecos e ele mesmo é tão nosso como as botas

de Gargântua ou os socos do Dr. Johnson, a literatura de ficção, remida pelos dons da autora de tais recursos expressivos, obriga, vai obrigar, no futuro, a um exame demorado deste «caso» que José Régio foi dos primeiros a anunciar como gratamente alarmente no campo da nossa cultura ...

MONTE REAL

ESTANCIA DOS HEPÁTICOS E INTESTINAIS
A DE MAIOR MOVIMENTO TERMAL EM PORTUGAL
BALNEÁRIOS MODERNOS — COMPLETA APARELHAGEM
PARA TRATAMENTOS HIDROTERÁPICOS E FISIOTERÁPICOS
AS AGUAS MAIS INDICADAS PARA OS QUE VIVEM NO ULTRAMAR

HOTEL MONTE REAL

PROPRIEDADE DA EMPRESA DAS TERMAS
UNICO DENTRO DO PARQUE E O MELHOR DA ESTANCIA
ABERTO DE 1 DE MAIO A 15 DE NOVEMBRO

ARTIGOS RELIGIOSOS

Terços, medalhas, crucifixos, estampas, oleografias,
molduras, redomas de vidro e toda a variedade de
artigos religiosos para REVENDA E PROPAGANDA

CASA DE S. JOSÉ — PORTO

(FUNDADA EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

TELEFONE: 22886

ESCREVA-LHE JÁ UM POSTAL DO CORREIO,

A PEDIR PREÇOS E CONDIÇÕES DE VENDA